

A arte de territorializar a universidade: relato de uma experiência

*The art of territorializing the university:
narrative of an experience*

*El arte de la territorialización de la universidad:
relato de una experiencia*

Mariana Angelis

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: mariana.angelis1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7232-5822>

Luciana de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: luciana.lucyoli@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7063-7811>

RESUMO

Sob a forma de relato afetivo, apresentamos nossa experiência na disciplina *Saberes e fazeres da terra*, ofertada pela Formação Transversal em Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais. Por compreender uma viagem com um grupo de discentes, docentes e mestres/mestras de saberes tradicionais de Minas Gerais para vivência prático-pedagógica em dois territórios ao Sul da Bahia, a disciplina apontou caminhos promissores para a confluência de ensino, extensão e interiorização da universidade. O artigo objetiva caracterizar o gesto de territorializar a universidade por meio de uma práxis curricular descolonizadora que dialoga e constrói conhecimento juntamente com intelectuais orgânicos e ciências do cosmo vivo e, mais especificamente, nos territórios, ao propor deslocamentos iconográficos e epistêmicos.

Palavras-chave: *território; extensão; saberes tradicionais.*

ABSTRACT

In the form of an affectionate report, we present our experience in the course *Knowledge and Practices of the Land* offered by the Transversal Training in Traditional Knowledge at the

Federal University of Minas Gerais (UFMG). Involving a trip with a group of students, teachers, and masters of traditional knowledge from Minas Gerais to two territories in the south of Bahia aiming a practical-pedagogical experience, the course pointed to promising paths for the confluence of teaching, extension and the internalization of the university. The article aims to characterize the gesture of territorializing the university through a decolonising curricular praxis that dialogues and builds knowledge with both organic intellectuals and forms of living cosmos sciences and, more specifically, in the territories, by proposing iconographic and epistemic displacements.

Keywords: *territory; extension; traditional knowledge.*

RESUMEN

En forma de relato afectivo, presentamos nuestra experiencia en el curso *Saberes y Haceres de la Tierra*, ofrecido por la Formación Transversal en Saberes Tradicionales de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG). Involucrando un viaje con un grupo de estudiantes, profesores y maestros de saberes tradicionales de Minas Gerais para una experiencia práctico-pedagógica en dos territorios del sur de Bahia, el curso apuntó caminos promisorios para la confluencia de la enseñanza, la extensión y la interiorización de la universidad. El artículo pretende caracterizar el gesto de territorializar la universidad a través de una praxis curricular descolonizadora que dialoga y construye conocimiento junto a intelectuales y ciencias orgánicas en el cosmos vivo y, más específicamente, en los territorios, proponiendo desplazamientos iconográficos y epistémicos.

Palabras-clave: *território; extensão; saberes tradicionais.*

Data de submissão: 31/07/2024

Data de aprovação: 05/10/2024

1. Para começar: arte da terra

Pode a universidade ser territorializada ou deixar-se territorializar por mestres e mestras de saberes tradicionais, com seus corpos, performances e estilos de ensino profundamente estéticos e políticos? O presente artigo tem como objetivo trazer um relato vivo de experiência que possa, exemplarmente, apontar para a importância de ações curriculares que dialoguem e construam conhecimento juntamente com a comunidade externa e, mais especificamente, com territórios indígenas, quilombos, assentamentos, terreiros e outros espaços de populações tradicionais. Obviamente, lidar com a comunidade externa já é a razão de ser de qualquer atividade de extensão. No entanto, o que buscamos sublinhar aqui é que, no caso em questão, trata-se de uma construção

dialógica junto a intelectuais e coletivos que salvaguardam diversas e relevantes formas de conhecimento. Embora a presença de conhecimentos tradicionais tenha ajudado a construir a própria universidade, normalmente esses se fizeram presentes pela mediação de formas científicas validadas pelo modelo europeu de conhecimento. Dito de outro modo, estiveram presentes enquanto objetos de pesquisa e, em ação de extensão, como públicos beneficiários. O gesto que pretendemos relatar aqui inverte, em sua concepção, essa visão da universidade como provedora do conhecimento para pensá-la como espaço pluriépistêmico (Guimarães *et al*, 2016).



Figura 1: Fotografia de estêncil na parede da Escola Florestan Fernandes, Assentamento Terra Vista. Oliveira, 2023.

Para tanto, adotamos como experiência prática a disciplina *Saberes tradicionais artes e ofícios: saberes e fazeres da terra*, ofertada dentro da Formação Transversal (FT) em Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Colegiado Especial das Formações Transversais,

2022), em outubro de 2023. A FT objetiva receber mestres e mestras de saberes ligados às culturas afrodescendentes, indígenas e populares como professores e professoras regentes de disciplinas regulares na universidade, atendendo a alunas e alunos da graduação e pós-graduação da UFMG. Até o presente momento, o projeto dialogou com mais de cem mestres e mestras – com seus/suas respectivos/as assistentes – dos mais variados territórios. A experiência com disciplinas territorializadas teve um precedente importante na parceria com Makota Kidoialê e o Kilombu Manzo Ngunzo Kaiango, em 2017, com a disciplina *Pensamento e ação comunicacional nas comunidades tradicionais*, na qual as aulas aconteceram em parte na universidade e em parte no Kilombu. Em 2024, após o impacto positivo da disciplina-viagem, foi ofertada também, em parceria com a FT Relações Étnico-Raciais, a disciplina *Tópicos sobre aspectos da cultura africana e afro-brasileira: aprender na escola da natureza*, conduzida integralmente no território do Quilombo Mato do Tição, em Jaboticatubas-MG, com a presença de Seu Badu. Além disso, visitas e participações em festas e rituais dos terreiros e quilombos próximos a Belo Horizonte também fizeram parte do programa de diversas disciplinas da FT.

Fomos, respectivamente, professora parceira e aluna dessa disciplina, que consistiu na viagem de um grupo de professoras(es), alunas(os) de graduação e pós-graduação da UFMG e mestras(es) de Minas Gerais a dois territórios do Sul da Bahia: o Assentamento Terra Vista (Arataca-BA) e a Terra Indígena do Povo Tupinambá da Serra do Padeiro (Buerarema-BA). O grupo foi recebido por toda a comunidade com a mediação de suas lideranças: no Terra Vista, Joelson Ferreira de Oliveira (Doutor por Notório Saber em Arquitetura pela UFMG) e sua companheira a historiadora Solange Brito; na Serra do Padeiro, pelo Cacique Babau (Doutor por Notório Saber em Arquitetura pela UFMG), por sua mãe, Dona Maria da Glória Jesus, e por seu pai, o pajé Seu Lírio (Rosemiro Ferreira da Silva).

Além das lideranças dos territórios visitados, a disciplina pôde contar, como citado, com a presença de mais um mestre e duas mestras de Minas, que acompanharam a viagem: Seu Badu, raizeiro do Quilombo do Mato do Tição; Capitã Pedrina de Lourdes (Doutora por Notório Saber em Comunicação Social pela UFMG), Capitã da Guarda de Massambike de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade Os Leonídios (Oliveira-MG); e Isabel Casimira, Rainha Conga do Reinado Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, localizado no bairro Concórdia (Belo Horizonte-MG). Vale também ressaltar que, além das mestras, mestres e comunidade acadêmica, a vivência no Terra Vista também teve, através de uma parceria com a Teia dos Povos-MG, a presença de representantes de

outros territórios em luta de Minas Gerais. Alexandra Assis é moradora da Ocupação Paulo Freire, localizada em Belo Horizonte, e cuida de uma horta urbana que comercializa alimentação orgânica na cidade, além de participar em movimentos de militância pró agroecologia e direito à moradia. Sol Rodrigues e Marcos Vinícius são integrantes do coletivo rastafari Roots Ativa, que atua com agroecologia urbana no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, por meio da produção e distribuição de alimentos saudáveis, atividades culturais e de formação, além da gestão de resíduos. Já Danilo Borum-Kren é cacique do território Borum-Kren, localizado na região de Ouro Preto. Membro do Subcomitê Nascentes, Danilo é também chefe do Departamento de Cultura Indígena da Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto e idealizador do Coletivo Borum-Kren, que atua na recuperação da cultura indígena do Alto Rio das Velhas, Alto Paraopeba e Alto Rio Doce.

No artigo, pretendemos descrever como foi essa vivência sob a forma de um relato afetivo, mostrando como a experiência pedagógica provocou deslocamentos nas nossas trajetórias de formação enquanto docente e discente. Nesse sentido, metodologicamente, pretendemos trabalhar com retratos de mestres e mestras que conduziram as práticas e como suas ações territorializaram nosso processo de ensino-aprendizagem. Conforme a epígrafe visual desta seção (Figura 1), vivenciamos, com eles e com elas, a arte da terra e do território, tal como a intervenção na intervenção, que desenha um singelo coração à caneta esferográfica perto dos dizeres do estêncil. Os retratos são a combinação de fotografias autorais produzidas durante a disciplina e textos de auto-definição de mestras e mestres que já indiciam nosso olhar admirado e nossos corpos afetados. Além disso, construímos uma espécie de diário de bordo compartilhado, também descrevendo a disciplina-viagem como um deslocamento literal de nossos corpos, mas, sobretudo, como um deslocamento iconográfico e epistêmico que nos conduziu a outras possibilidades de olhar – com os olhos e o corpo inteiro – as artes desses territórios, sobretudo a arte de manter-se vivas e vivos e de lutar contra-colonialmente pelos seus modos de vida (Santos, 2015). Para compor retratos e relato, valemo-nos, ainda, de relações com conceitos – ou palavras germinantes, como prefere nomeá-las mestre Antônio Bispo dos Santos (2023) – de intelectuais indígenas e afrodiaspóricos, cujas ideias nos inspiraram em um trajeto que antecede a viagem e que seguiu em aprofundamento depois dela.¹ Vale ressaltar que uma experiência como essa, de encontros entre formas de vida, não se faz sem conflitos e questões subjetivas, intersubjetivas e coletivas. Contudo, acreditamos que é melhor ter a experiência – pelo seu grande potencial pedagógico – com todos os

desafios que as diferenças colocam, do que não tê-la e manter a segregação entre os diversos regimes de conhecimento em sua “diversalidade” (Santos, 2023). Assumimos, nesse sentido, que o recorte metodológico enfatiza características coletivizantes, artísticas e epistêmicas de formas de vida diferentes da nossa própria, buscando entender como aprender a aprender com elas, sendo que o ponto de vista do qual partimos é acadêmico (Oliveira, 2021).

2. Retratos de mestras e mestres



Figura 2: Fotografia de Joelson Ferreira de Oliveira no Assentamento Terra Vista. Oliveira, 2023.

Foi com mestre Joelson que começamos nossa jornada de conhecimento pelo território do Assentamento Terra Vista. Seu retrato (Figura 2) é fiel ao modo como ele é. Guarda essa feição grave de quem possui o dom de guerrear na luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil, ou seja, para lidar com assunto bem sério. A batalha pela terra é árdua, mas o mestre demonstra que ela pode ser bela e alegre, por isso, sua feição séria também abre espaço para sorrisos cativantes e espontâneos. Joelson Ferreira de Oliveira é liderança do Assentamento Terra Vista do Movimento Sem Terra (MST), em Arataca-BA, e da Teia dos Povos. É agricultor e mestre de saberes tradicionais, idealizador da transição agroecológica, que transformou o assentamento em uma referência no país. Atuou na

diretoria nacional do MST, assim como na formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) durante os anos 1980. Hoje, é também Doutor em Arquitetura e Urbanismo por Notório Saber, pela UFMG.

No retrato (Figura 2), sob uma sinfonia forte e intensa de cigarras, dentro do útero vegetal de Terra Vista, exclama o mestre, após aspirar um teco de rapé de jatobá e jurema: “essa árvore tem 25 anos” (Notas de Campo, Oliveira, 2023). Estávamos ao pé do imponente mogno do Senegal, cujo tronco requer, pelo menos, seis braços bem esticados para ser abraçado em sua circunferência total. Mudar a iconografia territorial de uma terra devastada pelo fungo da vassoura de bruxa levou muitos anos. De acordo com Joelson, aquela árvore foi plantada como símbolo da primeira briga, após a ocupação do assentamento, no congresso nacional brasileiro, contra os chamados ruralistas. A partir de uma fala de Joelson, uma engenheira agrônoma do Pará presenteou-lhe com sementes de mogno do Senegal ou mogno africano (a árvore que ele nos apresenta) e mogno da Amazônia, também plantado no assentamento. Assim, a história de um território vai se fazendo: envolvendo as agências das plantas, a história de uma árvore e a história das pessoas.

É por isso que o Terra Vista é um projeto de vida – muita vida – de curto, médio, longo e longuíssimo prazo. Conta-nos Joelson que “com 25 anos já é possível ter árvores tão bonitas como essa, mas é preciso ir mais longe, o longo prazo aqui não é como o dos governos, estamos falando de 3000 anos!” (Notas de Campo, Oliveira, 2023). Realizá-lo envolve o que Joelson denomina de fim da doença do “comprar briga das ilusões”, o que não muda nada, não transforma nada. Assim, “a primeira briga que enfrentamos aqui foi com os nossos”. João Farinha, por exemplo, dizia: “Joelson fica plantando árvore aí, mas nós não come pau não, a gente come é frutis” (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Foi, sobretudo a partir de 2007, quando Joelson assumiu a bandeira da reparação e da agroecologia, que começaram a plantar árvores, muitas árvores. Tudo se inicia com um viveiro de mudas, que já esteve em mais de um local no território, e a marcação de 400 matrizeiras. Essa é também uma história de construção que envolve a vingança de suas duas matriarcas, as avós materna e paterna Joana e Isabel, cujas terras foram roubadas por “compadres” na era do compadrio que selava alianças entre Igreja, políticos locais, cartórios e proprietários do “tempo áureo” do cacau e dos coronéis, ao Sul da Bahia. No presente, essa história envolve também o encontro com os

Maxakali de Minas e os processos de reflorestamento do território Aldeia Escola Floresta, sob a liderança de Sueli e Isael Maxakali (Hãmhi, 2023). Processos no tempo que vão à frente e voltam atrás no agora por meio dos círculos espirais da ancestralidade (Martins, 2021), vão fazendo a guerra contra a fome e a pobreza. Pobreza que não é só um problema da economia, mas também do pensamento. Processos que vão construir outra consciência da riqueza. “Nesse sentido, os povos originários têm muito a nos ensinar sobre a riqueza que eles tinham aqui, antes dos invasores chegarem”, diz-nos Joelson (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

O reflorestamento é um trabalho muito duro. Mas é possível. “Tem que casar com a barriga. Muitas vezes queremos casar com a economia”. A jaqueira, por exemplo, em Terra Vista, é uma espécie invasora. Mas se se vai pesquisar ela também é

o suplemento alimentar de quem só comia feijão, farinha e fato.² Aí se for olhar, é comida dos elefantes na Índia. Os invasores trouxeram. Os cabruqueiros³ entenderam seu valor e para eles é uma árvore sagrada. Então eles corta um pé de jequitibá, corta um pé de jacarandá mas deixam a jaqueira porque ela fazia parte de seu hábito alimentar (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Tais práticas ancestrais de lida com a terra, denominadas também agroecológicas, ensinam-nos como diferentes espécies atuam de diferentes modos ou objetivos a depender do contexto o qual se inserem, podendo ser descarte ou veneno para alguns seres e nutrição para outros.

Não é coincidência a alegria e o sorriso largo, ao posar ao lado de uma gameleira, no meio da Mata Atlântica da Serra do Padeiro. Pedrina de Lourdes Santos (Figura 3) é mestra de saberes tradicionais do Reinado e Doutora em Comunicação Social por Notório Saber pela UFMG. É Capitã do Terno de Massambike de Nossa Senhora das Mercês na Irmandade Os Leonídios, em Oliveira-MG, sendo a primeira capitã de massambike em Minas. Além do Reinado, sua família também possui origem umbandista e é iniciada no Candomblé de Angola Muchikongo. Possui vasto conhecimento em cantos e oralidade em línguas africanas de matriz banto, em história e cultura afro-brasileiras e como pensadora negra sobre relações étnico-raciais no Brasil.



Figura 3: Fotografia da Capitã Pedrina na Serra do Padeiro-BA. Angelis, 2023.

A gameleira é uma das plantas que ela elegeu para viver junto e se valer em processos de cura. A imagem dessa planta, sob a forma do desenho do artista Marconi Marques, fez parte da composição do livro *Eu tenho a África dentro de mim* (2022), de sua autoria. Todavia, a proximidade e a felicidade ancoram-se em uma ética de profundo respeito à natureza como humanidade da qual somos parte e que é parte de nós.

No contexto de um encontro na Aldeia Tukum, do Povo Tupinambá em Olivença, durante a viagem, Capitã Pedrina afirmou com orgulho e autodefinição: “não sou uma afrodescendente, sou um africana da diáspora” (Notas de Campo, OLIVEIRA, 2023). Além de fazer uma conexão entre Itapecerica-MG (Aldeia Indígena Pataxó Muã Mimatxi), Oliveira-MG (onde fica seu Reino) e Divinópolis-MG (uma cidade de maior porte que fica próxima), ela destacou sua ascendência indígena do povo Puri e cantou:

Licença, licença
Nesta casa eu quero entrar
Eu não vim aqui sozinho
Eu vim aqui pra guerrear
Pisa no chão com caboclo
Pisa no chão devagar
Aê aê eu vim foi aldear
Pisa no chão com caboclo
Pisa no chão devagar



Figura 4: Fotografia de Seu Badu na Serra do Padeiro. Oliveira, 2023.

Seu Badu (Figura 4), posicionado no canto direito da fotografia, de camisa rosa, segura um grande, espesso e ramificado tronco de árvore para contar como faz o combate às pragas, como a vassoura de bruxa que devastou o plantio cacauieiro no tempo dos coronéis e outros fungos cuja presença enfraquece as plantas. Esse senhor de quase um século de vida, porta saberes de cura e uma filosofia da vida baseada na biointeração e convivência simbiótica entre diferentes organismos. Mestre Badu não mata nada, apenas amansa e defende para que todas as vidas possam viver juntas. Seu

Badu é mestre também no candombe (manifestação de matriz afro-brasileira) no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na Folia de Reis, na Encomendação das Almas e na agricultura familiar. Destaca-se pelo trabalho de cura que realiza a partir da “prevenção, tratamento e controle de doenças que acometem os animais [as pessoas] e as plantas, o manejo da compostagem, dos biofertilizantes, da homeopatia com micro-organismos eficientes”, dos florais e do diagnóstico por radiestesia (Oliveira; César; 2023, p. 18). Professor do ensino das convivências ecológicas entre os diversos seres, é dedicado ao cultivo de alimentos saudáveis, que são tratados com suas terapias de medicina natural.

Badu, como patriarca do quilombo Mato do Tição, fez uma fala contundente que foi aclamada em um dos encontros na Aldeia Tukum, em Olivença:

Quilombo e aldeia falam a mesma língua. Nós somos o povo mais humilde que tem, que vive com as benças de Nosso Senhor Jesus Cristo e com o suor do rosto. Lutamos pela natureza, pela vida, pela saúde de todo o ser humano. É um povo que tem pouco direito na universidade e da minha geração pra trás não tínhamos direito de escola. Mas a gente estudou com a natureza. A natureza é uma escola, ela é a maior professora. Porque através da natureza eu adquiri um poder de conversar com a nossa mãe terra, com a nossa vegetação, a aprofundar no entendimento das doenças terríveis que aparecem. Eu não me interesso que meu conhecimento fique só pra mim. Eu ainda estou aprendendo. Então tudo que é o pouco conhecimento que eu tiver, eu quero deixar aqui, eu não quero que seja enterrado. Nós que trabalhamos nessa área da defesa da natureza, somos muito atacados, humilhados e às vezes perseguidos e mortos, porque acham que estamos ganhando ou que temos um poder infinito. Eu quero agradecer meus parentes índios porque se a natureza ainda tem vida é porque o povo índio e os quilombolas estão preservando a natureza. Na natureza tem dois princípios de microrganismos: os degenerativos e os regenerativos. De onde vêm as doenças? É desses microrganismos. Só que não é por ação dele só. Eles vivem numa mata, alguém vai lá e devasta essa mata. Onde ele vai viver? É no meu bolso, é na sua casa... Muita gente não quer nem uma árvore na porta dele, tem que varrer, tem que limpar. Mas os nossos microrganismos regenerativos, eles têm que ter condição de vida porque não tem nada no mundo que não tenha uma utilidade não. O que mata nós, é vida para outro ser vivo. Para dar conta dessas doenças só a combinação de homeopatia e radiestesia, e tem muito médico que não aceita por causa do racismo. A radiestesia trabalha por vibração, homeopatia é ciência, onda e vibração. O que nós precisamos aprender é isso, a cuidar desse lado. Porque uma pessoa que vive nas matas como meu parente índio e eu, que sou quilombola, o que temos de sabedoria? Nós temos que aprender com a natureza, a natureza é que passa pra gente. O Divino Pai Eterno fez o céu e a terra para vivermos, mas, infelizmente, vieram os poderosos e tomaram a terra de nós. Agora vivemos lambendo rebarba. Mas o pouco que sobrou nós vamos preservar, somando a força dos índios e dos quilombolas, para nós não

deixar o mundo acabar! O mundo não acaba não, é nós que acabamos. Vou agradecendo porque a gente não é muito preparado para falar, eu gosto mesmo é de fazer (Notas de campo, Oliveira, 2023).

Esse discurso de Mestre Badu demonstra como, ainda que advindo de outra experiência de vida e formativa, sua produção de conhecimento possui metodologias próprias que por vezes se aproximam da construção epistêmica universitária baseada na observação e estudos dos fenômenos da natureza. Reforça a importância dessa confluência de saberes e fazeres diversos, tais como os indígenas e quilombolas, para preservação da vida na terra, e como se dá a coabitação entre diferentes seres – humanos e não humanos, além de mostrar como esse regime de conhecimento também se ancora em pilares mais subjetivos, como a fé.



Figura 5: Fotografia de Isabel Casimira em vivência-oficina de pintura corporal Tupinambá com jenipapo. Autor_1, 2023.

Sá Rainha Isabel Casimira Gasparino (Figura 5) recebendo pintura de jenipapo na Serra do Padeiro, sempre portando um ar da sabedoria de quem sabe aprender: aberta e ávida com as vivências propostas e os ensinamentos compartilhados; como também disposta a ensinar sobre a ancestralidade do seu povo de reinado e umbanda. Para a rainha, “o povo de Zambi é feliz demais, a felicidade mora dentro da gente. E por isso temos para dividir, porque é uma fonte inesgotável” (Notas de campo, Angelis, 2023).

Gasparino herdou a coroa de sua avó, Dona Maria Casimira, fundadora do Reino Treze de Maio (1944) e de sua mãe, Dona Isabel Casimira das Dores. Ocupa hoje o cargo de Rainha Conga das Guardas de Congo e Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e da Federação dos Congados do Estado de Minas Gerais. O território localizado no bairro Concórdia, em Belo Horizonte, além do Reinado, também sedia o Centro Espírita de umbanda São Sebastião. Em sua vasta atuação pelos percursos da ancestralidade e espiritualidade – e sua difusão – a Rainha Isabel tornou-se uma importante mestra da preservação da memória e do patrimônio imaterial das tradições afro-brasileiras em Minas.

Ela também rememorou sua ascendência indígena no encontro da Aldeia Tukum, Olivença-BA, no contexto de nossa disciplina-viagem. Sublinhou a tristeza de sua mãe, a Rainha Isabel Casimira das Dores (*in memorian*), frente ao ininterrupto genocídio indígena no Brasil. A Rainha mãe contou com ênfase para a filha que aquela luta dos parentes a entristecia. “Que parentes?”, perguntou Belinha. A Rainha mãe impaciente disse-lhe: “minha filha nós temos sangue indígena correndo nas nossas veias”. Belinha, apesar de toda a tristeza, sentiu a força de ter duas lutas para lutar: a luta dos povos negros e a luta dos povos indígenas” (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Cacique Babau (Figura 6) em uma das aulas na Terra Tupinambá da Serra do Padeiro. Sua performance pedagógico-corporal vibrante e entusiasmada chama atenção para a história de resistência do povo Tupinambá, no Sul da Bahia, “o povos das guerras”, segundo o cacique, que possui retórica ácida e, ao mesmo tempo, divertida. Cacique Babau (Rosivaldo Ferreira da Silva) é uma importante liderança indígena da região da Serra do Padeiro-BA, próxima aos municípios de Buerarema, Ilhéus e Una, mas também do movimento indígena nacional. Destaca-se pela atuação em defesa do

direito à terra, pelas lutas pela educação e pela denúncia de violações dos direitos indígenas. Babau também possui título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e de Doutor por Notório Saber em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, concedido em 2022.



Figura 6: Fotografia do Cacique Babau em sala de aula no território Tupinambá. Angelis, 2023.

Em uma das aulas na Serra do Padeiro, ocupando uma sala pouco convencional que funciona como ponto de encontro e reuniões da comunidade, Babau dissertou, com propriedade e profundidade, durante aproximadamente quatro horas, sobre temas diversos: rios aéreos e a função do brejo nas matas, história Tupinambá sob a ótica ensinada pelos mais velhos e mais velhas pela oralidade, violências e resistências dos povos indígenas em todo o território brasileiro, dentre outros temas. Sua sabedoria, sagacidade e oratória nos manteve atentas, inclusive, durante o horário do almoço coletivo. Assim, com o embasamento de quem vive a luta na pele, o Cacique conta que o ensino é ferramenta de resistência da cultura e modos de vida do povo Tupinambá e que muitas vezes foi impedido de estudar e obrigado a trabalhar nas fazendas de cacau da região –, que possui forte atividade econômica nesse setor. Paralelamente, a expansão das universidades durante a ditadura

militar (anos 1970) para serviço da elite geraria uma política de extermínio dos saberes e práticas tradicionais de indígenas, quilombolas e de povos de tradição, que precisavam se organizar para resistir. Chamava atenção também para o enfrentamento do racismo, um dos grandes inimigos na batalha pela terra, pois gera a criminalização injustificada e o uso da violência por parte do Estado.



Figura 7: Fotografia de Dona Maria na mata da Serra do Padeiro-BA. Angelis, 2023.

Dona Maria (Figura 7) parada em frente à Gameleira, ao lado de seu filho, Cacique Babau (de costas), que aparece parcialmente ao fundo. Sempre portando seu facão, instrumento indispensável para mateira, Maria da Glória de Jesus é uma das lideranças indígenas do povo Tupinambá da Serra do Padeiro. A Terra Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro é uma das 22 aldeias desse povo na região de Olivença-BA. Ela é mãe de dez filhos, dentre os quais Cacique Babau e Glicéria Tupinambá, lideranças de seu povo que alcançaram grande visibilidade na luta pela terra e se tornaram referências do movimento indígena no Brasil. Glicéria, nos últimos anos, assumiu a arte contemporânea como campo de batalha e tem realizado um trabalho de profundo impacto internacional. Maria da Glória atua pelos direitos de uso e preservação da terra em sua comunidade e, como docente, conduziu módulos nas disciplinas *Artes e ofícios dos saberes tradicionais: políticas da terra*

(2018) e *Cosmociências: na companhia de caboclos e encantados* (2023), na FT em Saberes Tradicionais da UFMG, mesmo ano em que Cacique Babau, Seu Badu e Capitã Pedrina também ministraram disciplinas.

Próximos também à uma gameleira, mostram, na prática, a convivência ecológica entre os diversos seres – como afirma Seu Badu –, ao contar como essa é uma planta que escolhe uma árvore hospedeira sob a qual se desenvolver: as gameleiras são árvores que nascem e crescem sob e ao longo de outras espécies, mas, interessantemente, sem roubar seus nutrientes.

Ao relatar a experiência de retomada de seu povo, revela alguns episódios da luta pela terra quando, por exemplo, tem que se embrenhar e esconder nas matas durante enfrentamento com forças policiais e as “chuvas de balas” das quais tiveram que escapar. A mata, como percebido, possui relevância central – não só como esconderijo, mas como fonte de vida – “a terra é mãe, a terra cria, a terra limpa”, segundo Dona Maria (Notas de Campo, Angelis, 2023). Ao visitar a mata, a mestra canta: “Eu nasci na folha, na folha me criei; Quando a folha virou, olha eu também virei”.

Ao longo da aula-caminhada, fez questão de sublinhar diversas vezes a importância de não se criar uma relação predominantemente predatória com a floresta: “ela não serve para nos servir, e sim o contrário” (Notas de Campo, Angelis, 2023). Por isso, conta que de lá extrai apenas o necessário para sua sobrevivência. Ainda que se trate de algum insumo para fabricação de produtos ou alimentos para comercialização, jamais retira mais do que o imprescindível para a manutenção de suas vidas e da terra –, na tentativa de combater o esgotamento desses recursos naturais.

3. Relato de uma disciplina-viagem

Abrir-se ao inesperado. Eis um convite estranhamente bonito que muitas vezes não sabemos compreender. Quando ele se apresenta como um chamado ao coração é ainda maior a indecisão, sobretudo para nós, no mundo acadêmico, que temos corpos treinados a não agir com o sentir. Esse foi o convite que recebemos ao nos engajarmos com a disciplina *Saberes e fazeres da terra*, da FT em Saberes Tradicionais da UFMG. A disciplina nos convidou à indisciplina: destreinar o corpo da racionalidade e escutar a terra com o privilégio da mediação de quem a conhece bem.

A disciplina-viagem foi realizada no período de 4 a 15 de outubro de 2023 e teve como principal dinâmica o caminhar e experimentar junto à terra e àquelas(es) que a compartilham e cuidam, além de proporcionar o intercâmbio entre diferentes mestras e mestres da cultura popular e tradicional, lideranças comunitárias, alunas(os) e docentes da UFMG, além de jovens e demais moradores desses e de outros territórios. Na chegada ao Assentamento Terra Vista, a cena da nossa viagem começa a se modificar. O útero vegetal nos aconchega logo na entrada e por ele somos conduzidas a uma vida comunitária também prenhe de contradições e desafios. Porém, a luta coletiva anti-capitalista exala em cada detalhe. Somos conduzidas à área das escolas. Florestan Fernandes e Bertold Brecht mandam o recado: *AO COMANDO! Aprenda o mais simples!* são as palavras de (des)ordem que alcançam nossos olhos ali, seguidas do Elogio do Aprendizado:

Aprenda o mais simples!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas aprenda!
Não desanime! Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer!
Veja com seus próprios olhos!
O que não sabe por conta própria, não sabe.
Verifique a conta É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: o que é isso?
Você tem que assumir o comando (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Comemos a comida verdadeiramente orgânica da terra, refrescamos nossos pés no rio Una, encontramos nossos novos espaços, escutamos as palavras de (des)ordem e subimos a Terra do Benvirá, nome que se inspira na canção homônima do músico Geraldo Vandré. Do disco, vem também a canção *Na Terra e no Céu*, que traz em palavras melódicas muito da filosofia da terra, do território e da caminhada, ao estilo de Joelson Ferreira de Oliveira, que Vandré traduz assim:

Não viemos por teu pranto
Nem viemos pra chorar
Viemos ao teu encontro
E estamos no teu altar
Por seguir nosso caminho
Que é também teu caminhar. (Na Terra [...], 1973)

A canção segue, mas, de pronto, o caminho e o caminhar encontram também reverberações nas palavras de Cacique Babau, já no contexto da Serra do Padeiro, em que nossa chegada aconteceu cinco dias depois: “nossa palestra é andando” (Notas de Campo, Angelis, 2023). Acerca desse formato, a Rainha Isabel também acrescenta que “é uma pedagogia ancestral, uma maneira diferente de pedagogia: como caminhar, porquê caminhar e caminhar prestando atenção não só ao caminho, mas por onde se caminha” (Gasparino; Torres, 2021, n.p.).

Aproxima-se, dessa forma, de um modelo de escola territorializada, na qual o ensino é experienciado no caminhar e no interagir com a terra e o território – em um formato mais horizontal e simétrico entre docentes, discentes, humanos e não-humanos. Assim, a disciplina fez convite à uma “nova perspectiva de formação no território, que relaciona o ato de aprender com a experimentação prática junto à terra, tendo em vista os conhecimentos tradicionais e agroecológicos” (Políticas, 2024, n.p.). É também uma proposta pedagógica implicada com as demandas territoriais e comunitárias dos povos com os quais dialoga. Para Sousa e Cavalcante (2021):

A chamada “Pedagogia do Território” exprime um desses esforços, entendida enquanto método de práxis acadêmica, insurgida pela desobediência epistêmica colonial e pela construção de um projeto popular de Ciência. Trata-se, antes de tudo, de um esforço epistêmico que ressignifica o papel da ciência, da universidade e do saber, questionando os princípios da Ciência Colonial (Sousa; Cavalcante, 2021, p. 1).

Na construção de um projeto verdadeiramente popular, o Assentamento Terra Vista existe há mais de 30 anos e prossegue em resistência contra-colonial (Santos, 2015; 2023): uma retomada realizada em 8 de março de 1992, dia do enfrentamento empenhado pelas mulheres contra o capitalismo patriarcal e racista. O assentamento, que possui mais de 900 hectares de extensão e abriga em torno de 55 famílias, atualmente, tornou-se referência em “preservação ambiental, agroecologia e produção de mudas de espécies da Mata Atlântica”. Para Rosângela de Tugny (2022, p. 60), “hoje o Assentamento Terra Vista é internacionalmente reconhecido pela recuperação de grande parcela da área deteriorada no coração da região cacaueteira na região de Ilhéus”.

Muita gente que visita o Terra Vista hoje se surpreende com a beleza do lugar, sua mata reflorestada e o sistema agroflorestal, que permite a produção de cacau cabruca e comida. No entanto, isso foi fruto de muito trabalho e batalhas que continuam acontecendo no dia a dia. Derrubar as cercas da propriedade privada da terra não é suficiente para torná-la um projeto coletivo e transformador. Tudo em Terra Vista foi aprendido e ensinado pelo exemplo e não pela palavra.⁴ A partir de 2000, o assentamento estava quebrado e todos os intentos de empreendimento relacionados à agropecuária tinham dado errado: piscicultura, produção agrícola com agrotóxicos e criação de animais. Começou, então, a virada. As coisas andavam difíceis, pois as pessoas estavam sem comer, o que causa muitas picuinhas internas. “No Brasil, para fazer qualquer projeto, tem que cuidar da barriga primeiro. Minha avó falava: meu filho, a alegria vem das tripas”, diz-nos Joelson (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Outra decisão importante, à época, foi fazer uma espécie de convenção interna e decidir quem estava de acordo com um novo começo e quem não estava. 25 famílias saíram do assentamento e 50 ficaram, optando por buscar alternativas em conjunto e apostando na vida comunitária. A primeira deliberação foi não repartir a terra pelo “quadrado burro do Incra, pelo olho”, expressão de Joelson (Notas de Campo, Oliveira, 2023), mas medir a terra pelo trabalho. Segundo o mestre:

O Brasil precisa evoluir muito nessa questão do trabalho. Nós temos um ranço muito ruim com o trabalho por causa da escravização. Com o fim do capitalismo, nós vamos ter que fazer um trabalho duro, talvez até mais duro do que o que foi o trabalho escravo. Pra recompor o que foi destruído. A diferença é que faremos tudo isso para nós, para nossa liberdade (Notas de Campo, Oliveira, 2023).

Além da busca por soberania alimentar, preservação das sementes crioulas e desenvolvimento agroecológico no território, o Terra Vista também atua com assessorias técnicas para outros assentamentos e instâncias universitárias, o que acabou colaborando, inclusive, para a expansão do MST na região. Um dos principais pilares para esse crescimento está na educação e uma de suas primeiras conquistas formais foi a construção, em 1997, da Escola Florestan Fernandes com, à época, educação infantil, ensino fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Tugny, 2022, p. 65). Hoje, além da Florestan Fernandes, que agora atua com educação infantil, o assentamento possui a Escola Estadual Milton Santos, com ensino fundamental I e II, e EJA. Na luta por “terra e território” (Ferreira, 2022) em que povos sistematicamente oprimidos e marginalizados

possam viver de forma digna e autônoma, o assentamento também fez germinar outra aliança que pudesse ultrapassar os limites daquele espaço: a Teia dos Povos. Liderada sobretudo pela figura do Mestre Joelson Ferreira de Oliveira e de sua companheira a historiadora Solange Brito:

A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto e pequenos agricultores se juntam, enquanto núcleos de base e elos, nessa composição com o objetivo de formular os caminhos da emancipação coletiva. Ou seja, construir solidariamente uma Aliança Preta, Indígena e Popular. (Teia dos Povos, 2020, n.p.).

A Teia dos Povos da Bahia nasceu em 2012, com a I Jornada de Agroecologia no Terra Vista. A jornada é um momento de encontro – também festivo – e confluência dos diversos núcleos-territórios para debate e compartilhamento de experiências em torno de questões que permeiam a luta de cada comunidade: conflitos de terra e posse, estratégias de resistência e desenvolvimento, agroecologia e soberania alimentar, dentre outras.

A Teia também possui frente de atuação no campo pedagógico. Para Joelson (2022), “a luta pela terra e pelo território é o princípio. E a educação [...] é o meio. Se queremos evoluir na luta por terra e território, precisamos desse meio que é a educação” (Oliveira, 2022, p. 129). Nesse sentido, está sendo proposta a Universidade dos Povos, construção pedagógica de distintas cosmopercepções que divide-se em 4 Escolas: Escola do Arco, da Flecha e do Maracá; Escola dos Terreiros e Tambores; Escola das Águas e Marés; e Escola dos Biomas Locais. Essa iniciativa se baseia primordialmente em epistemologias tradicionais e originárias, mas também não descarta o conhecimento advindo das universidades, contribuindo, assim, para a confluência de saberes. Para Rosângela, essas escolas:

permitem a construção de um universo de aprendizado que restitui o terrível apagamento das histórias e saberes dos povos originários e dos povos africanos, que o tecido social etnocida de nossa sociedade tratou de invisibilizar, e reconstrói as possibilidades de vínculos profundos e criativos dos jovens com os biomas que nasceram (Tugny, 2022, p. 84).

Dentro do escopo de atividades da Universidade dos Povos, foi realizada, em janeiro de 2024, a *Formação de construtores e defensores de territórios*. Com um mês de duração e três turnos diários (manhã, tarde e noite), possuía metodologia de exercícios práticos para vivência e construção de territórios de luta (que foram divididos em grupos de trabalho para bioconstrução, gastronomia, produção agroecológica, terreiro lúdico para formação infantil, dentre outros), assim como aulas

teóricas e formações políticas. Foi destinado a pessoas territorializadas ou que estejam de alguma forma engajadas com esses espaços – em que tive a oportunidade de participar enquanto estudante/pesquisadora (Angelis, 2024). Além disso, várias pessoas que fizeram parte da disciplina-viagem e que também atuam com territórios aqui na Teia do Povos-MG, voltaram ao assentamento para participar dessa formação.

Retomando, então, os passos da disciplina-viagem, no primeiro dia, a recepção contou com performance das crianças da Escola Florestan Fernandes sobre a vida do assentamento: a ocupação do território, construção das próprias casas e escola, assim como o cultivo do próprio alimento, o compartilhamento da vida comunitária e os enfrentamentos diários – uma encenação com falas e cantos que deixavam transparecer como a formação política daquelas que nascem e crescem em territórios de luta é parte intrínseca da vida desde cedo. Na peça, elas diziam: “educação no campo é direito não esmola; Eu não vou sair do campo, pra poder ir pra escola”.

As experiências nas roças tornaram-se aulas práticas de plantio e agroecologia ao ar livre – uma extensão da universidade no campo. A visita à fábrica de chocolate contou com ensinamentos sobre o cultivo do ‘cacau cabruca’, esse sistema agroflorestal comum no Sul da Bahia, no qual o cacau é plantado em meio à sombra, na Mata Atlântica. Uma roda de conversa com mulheres assentadas trouxe-nos toda a ciência implicada na extração de óleos de plantas locais para produção e comercialização de cosméticos, uma aula de fitoterapia extra-muros universitários.

Todas as atividades, rodas de conversa e místicas no Terra Vista e da Teia dos Povos contam com uma ornamentação central composta de plantas, instrumentos, livros, frutas e demais materiais que nos recordam da abundância da terra. Criam, portanto, uma ambiência e uma imagem da abundância que é muito importante para os desvios estéticos e epistêmicos propostos tematicamente. Para o mestre, o cultivo da terra é a base para existência consciente e livre, sendo uma construção coletiva de liberdade através da agroecologia. Como nos lembra Célia Xakriabá:

A sociedade carece de recuperar valores da relação com o espaço corpo-território. É preciso considerar o território como um importante elemento que nos alimenta, nos ensina, e constitui o nosso ser pessoas no mundo. Não podemos nos ver apartados do território, pois somos também parte indissociável dele, nosso corpo (Xakriabá, 2020, n.p.).

Se precisamos retomar os valores da relação com a terra-território na sociedade como um todo, é fundamental que essa premissa também esteja nos espaços de produção de saberes, no sentido de territorializar a universidade. Destacamos também, da primeira parte da disciplina-viagem, a vivência na Terra do Benvirá. Sob o sol da primavera na Bahia, subimos, em caminhada coletiva, para uma experiência de plantio nesse espaço localizado na parte mais alta do assentamento –, projeto que visa presentear, ainda, muitas gerações futuras. À medida que caminhávamos pela agrofloresta, Seu Badu consultava o pêndulo da radiestesias para localizarmos o lugar ideal de cada muda – as quais incluíam jussaras, açais, cacaús, braúnas, inhaíbas, curindibas, jequitibás e outras. Para Seu Badu, mestre raizeiro-curador-da-terra, “não existe terra ruim, o que é ruim é o que fazemos com ela” (Notas de Campo, Angelis, 2023). Acrescenta também que o advento e o crescimento de diversas doenças ao longo dos últimos anos muito se origina do uso desenfreado de agrotóxicos em nossos alimentos.

Outra prática fortemente presente – na viagem e em tais modos de vida – está atrelada ao papel e à relevância da música para povos e comunidades tradicionais, como terreiros, quilombos, aldeias e assentamentos. Muitos são os ensinamentos guardados e transmitidos nas canções, conforme nos mostrava Mestra Pedrina, guiando, na força das toadas do Reinado e pontos de Umbanda, como é o caso da zuela para caboclo entoada no alto da Terra do Benvirá:

Eu atirei, eu atirei ninguém viu
A caboclada quem sabe
Aonde a flecha caiu

Eu atirei, eu atirei ninguém viu
A caboclada quem sabe
A onde a flecha caiu (Notas de Campo, ANGELIS, 2023)

Sobre a relação com as plantas, Sá Rainha (2021) também relata que: “isso é herança de nosso povo, cultivar as plantas porque as energias do universo passam pelas plantas, pelos rios, pelo mar, pelo céu, por dentro de nós. E as plantas também fazem o nosso significado, pois são o nosso alimento, a nossa cura – nossa e do nosso entorno” (Gasparino; Torres, 2021, n.p.)

Foi um período de intensa troca entre mestras e mestres, discentes, docentes, territórios da Teia do Povos-MG e Teia dos Povos-BA em uma aposta pedagógica dialógica (Freire, 2003), no qual, como próprio Joelson indica, “aquilo que nos une é maior do que o que nos separa” (Nota de Campo,

Angelis, 2023). A união da sabedoria ancestral de Minas com a da Bahia representada pelas mestras e mestres presentes, além de pessoas advindas de diferentes experiências comunitárias, formava uma confluência de distintas, porém alinhadas perspectivas ao que concerne o enfrentamento posto nesses territórios que habitam, assim como a urgência da preservação ambiental para salvguarda da vida na terra – tática essa muito cultivada entre povos tradicionais, quilombos, assentamentos e aldeias. Para o mestre Nego Bispo (2023):

[...] a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Santos, 2023, p. 9)

Novamente, uma proposta de ensino interdisciplinar e interepistêmico que, aplicado na prática em uma universidade ou espaço de produção epistemológica que não é estático, mas que está em constante movimento e deslocamento, pareceu-nos rendosa e confluyente. Interdisciplinar e interepistêmico, pois coloca em convivência e diálogo fontes distintas de conhecimento: o ancestral das comunidades e o tradicional das universidades. Quando ela acontece, confirmamos algo que afirma o antropólogo José Jorge de Carvalho, “as civilizações dos povos indígenas, africanos e das demais comunidades tradicionais [...] não estão em decadência e [...], pelo contrário, mantêm fortalecidos seus horizontes de saberes e modos de vida” (Carvalho, 2020, p. 75).

No dia 10 de outubro de 2023, a viagem seguiu para o segundo destino: a Terra Tupinambá, na Serra do Padeiro, em Buerarema-BA. Território de (r)ex(s)istência do povo Tupinambá aos pés da serra – em que ficamos até o dia 13 de outubro.

No primeiro dia, pudemos acompanhar a aula de Cacique Babau, citada anteriormente, sobre a retomada indígena, que relatava a história daquele território e de seu povo. Em uma sala sem paredes, possuía dinâmica pedagógica majoritariamente oral. Não só nessa prática, mas na viagem como um todo, foi possível perceber o papel da oralidade na transmissão dos conhecimentos em comunidades tradicionais, ou mesmo assentamentos e aldeias – locais em que o letramento formal-acadêmico não se faz regra, principalmente entre a população adulta-anciã, que detém boa

parte dessa sabedoria ancestral. Outros momentos de fala do Cacique se davam também em volta da fogueira, durante as refeições –, tendo o ensino como parte cotidiana da vida, presente nas mais diversas e sutis tarefas.

No segundo dia, participamos de uma aula-caminhada pela mata, liderada por Dona Maria da Glória Tupinambá. A proposta era de um passeio pela floresta juntamente com Seu Lírio, por meio do qual o casal poderia nos apresentar um pouco sobre sua relação com aquele espaço sagrado. O cuidado e a preservação são primordiais para a manutenção da vida; as propriedades medicinais das plantas e ervas; e a conexão divina. A espiritualidade, para os Tupinambá – assim como para muitos povos indígenas, entendendo também a diversidade de cosmovisões existentes no território brasileiro –, apresenta-se de diferentes formas. Muitas falas foram proferidas pela mestra durante a aula-caminhada realizada na mata, na qual identificava plantas que são remédios e outras que servem para alimentação.

A floresta é sagrada, mas, como dito acima, também possui vínculo com o divino aquilo que ocidentalmente lemos como arte, tais como os artesanatos de missangas, cerâmicas e outros materiais; e as pinturas corporais – produção de alta complexidade estética e simbólica. As pinturas corporais, por exemplo, foram o mote para uma vivência-oficina com jenipapo. Conduzida principalmente por jovens da aldeia (que estiveram ativamente presentes, desde o início, nas atividades e falas sobre a comunidade), a oficina apresentou um pouco do universo desse trabalho estético e espiritual com o corpo, no caso, com a tinta de jenipapo. A prática passou por todo o processo, desde a fabricação do pigmento com o fruto até os desenhos e padrões que utilizam com suas variadas simbologias, significações ou mesmo utilidade – como, por exemplo, para força ou proteção. Como nos lembra o artista indígena Nei Xakriabá, que também foi estudante da Faculdade de Belas Artes da UFMG:

A arte, para nós, tem forte ligação com a vida, com o nosso dia a dia. As pessoas que não conhecem veem um indígena pintado e imaginam que a pintura busca simplesmente uma beleza para o corpo, mas, na verdade, além da beleza, os traços representam proteção e a tinta traz energias para o corpo. Todos os objetos produzidos têm uma função para a nossa vida. Um colar, um penacho, uma pulseira, um vaso de cerâmica – tudo traz significados e uma história que vai além da beleza envolvida. São objetos utilitários e que, ao mesmo tempo, têm outras funções (Xakriabá, 2021, n.p.).

Além disso, também afirma como essas manifestações carregam em si suas histórias e denúncias de apagamento. As aulas na Serra do Padeiro materializaram a natureza orgânica dos conhecimentos Tupinambá, além de seguirem a máxima “começo, meio, começo”, característica de ciclos vitais biointerativos (Santos, 2015; 2023). Assim, logo em seguida, foi iniciado um toré – ritual religioso realizado em círculo com cantos e movimentos ritmados. Em volta da fogueira intermitente, cujo fogo vai sendo alimentado sem pausa, na marcação rítmica dos maracás, a música é entoada para receber os encantados enquanto a defumação limpa. Como nos contam Cláudia Ramos e Aldemir Azevedo (2020),

Os Encantados são considerados os guias dos Tupinambás, seres de força e luz guiados pelos domínios da natureza como: as matas, as águas do rio e mar, a terra, a serra entre outros. Segundo relatos, os encantados possuem poderes para guiar os Tupinambás nas labutas, problemas diários e questões relacionadas à saúde (Ramos; Azevedo, 2020. p. 242).

Algumas alunas e alunos se juntaram à roda, que permaneceu em volta da fogueira por um tempo até que o grupo foi se conduzindo para o salão ao lado, no qual funciona a Casa de Santo. No salão, o toré abre espaço para a chegada de entidades como marujos, pretos velhos e boiadeiros. Além do passeio à floresta, oficina e rituais, foi possível ver novamente espaços de plantio do cacau cabruca em meio à mata, aos pés da serra e, assim como no Assentamento Terra Vista, foi possível desfrutar de uma alimentação abundante baseada no que é plantado e produzido nos territórios. Essa experiência, ainda que não muito longa, fornece pistas sobre a importância de se retomar certas formas de ler e fazer mundos que incorporam maior cuidado com todas as formas de vida na Terra.

A viagem-disciplina em questão faz parte do projeto *Políticas da terra – encontros da universidade com os saberes e fazeres afro-indígenas*, aprovado junto ao Edital Pró-Humanidades (CNPq/MCTI/FNDCT – 420196/2022-6), fruto da parceria de três universidades federais (UFMG, Universidade Federal do Sul da Bahia e Universidade Federal do Ceará) e a Teia dos Povos.

Voltado para experiências ligadas às lutas pela terra (os assentamentos rurais, as retomadas indígenas e quilombolas, os modos de cultivo de base agroecológica), em metodologias que desfazem a persistente divisão entre sujeitos e objetos do conhecimento, o projeto instaura um processo de pesquisa compartilhada com mestras e mestres de tradições indígenas e afro-brasileiras, ampliando sua presença na universidade, em uma perspectiva contra-colonizadora (Políticas, 2024, n.p.)

Ao considerá-los como protagonistas nos processos de ensino e aprendizagem dentro – e fora – da universidade, buscando uma pedagogia dialógica e territorial, a FT em Saberes Tradicionais questiona as metodologias universalistas de ensino, “contribuindo para a produção de uma bibliografia aberta à auto-inscrição de pensadores e pensadoras negras e indígenas e à pluralidade de enunciações que marcam suas falas e suas escritas” (Políticas, 2024, n.p.)

Não só essa, como várias das disciplinas ofertadas ao longo dos últimos anos pela FT em Saberes Tradicionais renderam frutos diversos, tais como publicações impressas de livros, memoriais, participação em eventos e envolvimento com os territórios e mestras(es), para além de outras publicações ou apresentações paralelas realizadas por discentes e docentes participantes, o que acaba nos mostrando como essas experiências provocam deslocamentos epistemológicos em muitas(os) das(os) envolvidas(os).

4. Territorializando a universidade: confluência de saberes e considerações para seguir a conversa

Neste artigo, buscamos fazer dois movimentos para demonstrar a relevância da FT em Saberes Tradicionais e de seus impactos em termos de justiça epistêmica e descolonização concreta da universidade, mas sobretudo em termos da importante aposta pedagógica no ensino territorializado. Na primeira parte, destacamos os retratos de mestres e mestras que participaram da iniciativa da disciplina-viagem. Lembramos, aqui, que “mestres e mestras são aqueles cuja senioridade é inequívoca, confirmada pela sua biografia, reveladora das evidências de seu reconhecimento, dentro e fora da sua comunidade” (Carvalho, 2021 p. 60-61). Como têm a missão de transmitir seus conhecimentos, possuem aprendizes, assistentes ou seguidores que possivelmente herdarão a tarefa de salvaguarda e transmissão desses saberes, além de serem considerados também pesquisadores, pois ampliam nossas bases epistêmicas.

Em *Pedrina de Lourdes Santos: meu rosário, minha guia*, livro publicado a partir do memorial para sua titulação de Doutora por Notório Saber pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, vê-se que:

As formas de conhecimento de mestra Pedrina têm uma origem coletiva e territorial em base a um legado de memórias ancestrais que se produzem e reproduzem por meio de relações comunicacionais com diversas agências humanas e não-humanas,

dentre as quais, primeiramente, destaca-se a guiança da espiritualidade. (...) As palavras, os cantos, os gestos, a dança e tudo o que traz ao mundo não são de sua propriedade individual, são mensagens pronunciadas em seu corpo guiadas e intencionadas na relação com o mundo espiritual. Trata-se de todo um regime de conhecimentos que não depura o que é ciência, tecnologia, magia, religião, ética, estética e política (Oliveira; Santos, 2022, p. 15).

Sabe-se que, hoje, uma das formas de reconhecimento e valorização desses saberes se dá através da titulação por Notório Saber, concedida por algumas universidades públicas do país, com destaque para a UFMG. Tal titulação envolve o reconhecimento de corpos e experiências que, talvez, não estejam associados ao imaginário social do que sejam intelectuais, cientistas, pesquisadores e professores. Assim, a titulação é fundamental para que possamos efetivamente transformar as bases epistêmicas de nosso ensino e contribuir para o resgate e reconhecimento desses conhecimentos e manifestações artísticas, culturais, filosóficas e espirituais que o processo colonizatório visou exterminar. Dessa forma, além da diplomação e de possíveis recursos financeiros e/ou estruturais que a titulação pode trazer, fica em nós o desejo de trabalhar para que esse reconhecimento possa contribuir de forma real para defesa dos territórios e dos corpos de seus sábios e sábias, corroborando a verdadeira autonomia dos povos.

De outra ponta, considerando os percursos da disciplina-viagem relatados na segunda parte do artigo, tratamos da abertura para deslocamentos epistêmicos que possam romper ou, ao menos, questionar a universidade construída nos padrões eurocêntricos da ciência moderna-colonial. Assim, pelo exposto em nosso relato, são aulas que se diferem não apenas pelo conteúdo, mas também em formatos que extrapolam as salas de aula e livros didáticos, em práticas pedagógicas sem mediações tecnológicas, em meio à mata e em movimento, em uma manifestação artístico-cultural ou mesmo religiosa. Viagem-disciplina, aula-caminhada, vivência-oficina... Esses foram alguns dos termos empenhados aqui para nominar atividades realizadas ao longo dessa disciplina e que, de certa forma, revelam o caráter não convencional e dinâmico das metodologias de ensino experimentadas no contato com comunidades externas, como assentamentos, aldeias e povos de tradição.

De base coletiva e territorial/local, são saberes ancestrais das memórias de um ou mais povo(s), que geralmente possuem forte relação com a espiritualidade. Espiritualidade essa que, como percebido, não se encontra apartada da vida cotidiana, da arte e, principalmente, da natureza. São

formas de pensar e fazer o saber não compartimentadas, em um movimento de transdisciplinaridade e territorialização epistêmica. As artes fazem parte de um modo de vida profundamente estético que se utiliza de imagens, sonhos, cantos e da relação com a terra e tudo o que nela vive para construir vínculos e dar forma à vida. Ao serem trazidas para o diálogo acadêmico, trazem a potência de descolonizar o próprio campo das artes, hegemonicamente atento aos cânones da arte europeia ou, mais amplamente, a arte constituída no Norte Global. Para o historiador de arte Hans Belting (2012), “há muito tempo, a antiga cultura burguesa da modernidade não representa os interesses de grupos particulares no interior da sociedade” (Belting, 2012, p. 129), a arte dita universal (e ocidental) não reflete de fato a diversidade cultural. Com a diluição desses referenciais que são impostos, seja pela ordem, seja pelo fetiche mercantil, e com as reivindicações de reparação no contemporâneo, minorias e grupos deslegitimados como enunciadores e autores “utilizam o espaço livre recentemente surgido [...] e ‘inventam’ a sua própria história da arte, na qual os artistas podem encontrar-se com um público animado pelos mesmos sentimentos” (Belting, 2012, p. 129).

Dessa forma, seja decolonial, descolonial, anticolonial ou mesmo contra-colonial, o que nos interessa, nessa proposta de deslocamento, refere-se ao “‘giro’ epistêmico como importante fator para se recolocar o problema da(s) perspectiva(s). Ao girar, mesmo que a partir de um mesmo lugar, pode-se ampliar e variar os horizontes” (Reinaldim, 2021, p. 251-252).

A importância de girarmos o debate, seja nos ambientes acadêmicos seja nos artísticos, é fundamental para preservação social, histórica e cultural desses povos que foram a base fundante desse país, de onde vieram nossas origens e para onde, acreditamos, deve trilhar nosso caminho se ainda almejamos a preservação planetária e biodiversa. Trabalhar formas estéticas outras de habitar, ocupar ou negociar os espaços nas mais diversas escalas de abrangência também é tarefa de enfrentamento à colonialidade.

Dessa experiência, restam algumas questões que, mesmo sem ser respondidas, ficam como lacunas que nos estimulam ao aprofundamento: a disciplina possibilitou, de fato, o diálogo simétrico entre mestras(es) e lideranças de diferentes territórios – de localidades geográficas distintas – com alunas, alunos e docentes universitários, assim como com os próprios moradores dessas comunidades? De que forma essa troca ou diálogo beneficia as várias partes envolvidas? Qual o retorno às

comunidades e às(os) mestras(es) com as quais dialogamos e aprendemos? Nesse sentido, mestres e mestras têm nos chamado a atenção sobre a importância de que nós, da universidade, pisemos o chão dos territórios e conheçamos as lutas dos povos de perto. Eles e elas têm alimentado muitas esperanças em relação a essa territorialização, no sentido da construção de alianças entre defensores e construtores de territórios. Em suas falas, ecoam esperanças no sentido de que, ao ocuparmos nossas posições como profissionais, lembremo-nos de sempre estar ao lado das lutas dos grupos minorizados e que lutar pela justiça epistêmica é também lutar pela justiça social.

Do entrelaçamento entre ensino, extensão e as formas artísticas da terra e do território, vemos uma grande potência de processos de curricularização da extensão que, junto com outras iniciativas, podem colaborar para territorializar a universidade. Vale ressaltar que chamamos aqui de arte de territorializar a arte de fazer com, que não se conceitua, mas se vive – assim como nos ensinam esses que não apartam a vida da arte. Por fim, fechamos (ou abrimos?) com uma inspiradora elaboração do idealizador do Encontro de Saberes, na UnB, professor José Jorge de Carvalho, que, a partir das experiências com mestres e mestras aqui retratados e percursos territorializados da disciplina-viagem relatados, estamos em pleno acordo: “estamos dispostos (finalmente) a aprender com aqueles que sabem o que não sabemos, e cujos saberes nos ajudarão a encontrar caminhos de reconstrução das nossas bases epistêmicas, espirituais, estéticas e éticas” (Carvalho, 2021, p. 60-61).

REFERÊNCIAS

BABAU, Cacique. **É a terra que nos organiza**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. Notório saber para os mestres e mestras dos povos e comunidades tradicionais: uma revolução no mundo acadêmico brasileiro. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54–77, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/29103>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COLEGIADO ESPECIAL DAS FORMAÇÕES TRANSVERSAIS. CEFT. Pró-reitoria de Graduação – PROGRAD. **Projeto da Formação Transversal em Saberes Tradicionais**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/FT/ProjSaberesTradicionais>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território**: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003.

HÃMHI Terra Viva. **Projeto de formação de agentes agroflorestais e viveiristas indígenas Tikmũ'ũn**. Instituto Opaoká, Ministério Público de Minas Gerais. 2023. Disponível em: <https://www.hamhi.org/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

hooks, b. A construção de uma comunidade pedagógica: um diálogo. In: hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GASPARINO, Isabel Casimira; TORRES, Júnia. O Reino nas ruas. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 15, p. 2-9, dez. 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/o-reino-nas-ruas/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GUIMARÃES, César *et al.* Por uma universidade pluriepistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/494/451>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. São Paulo, Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Fernanda; CÉSAR, Leandro (Org.). **Mato do Tição**: Matição é muita gente. Associação Quilombola do Mato do Tição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2023.

OLIVEIRA, Luciana de, Aprender a aprender sobre aliança: comunicação intermundos a partir do encontro com um casal de xamãs Kaiowá. **Revista Mundaú**, n. especial: Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências - v. 2, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/10901> Acesso em: 10 de jul. 2024.

OLIVEIRA, Luciana de; SANTOS, Ester Antonieta. Apresentação: à mestra com carinho, seu rosário, nosso rosário. In: OLIVEIRA, Luciana de; SANTOS, Ester Antonieta (org.). **Pedrina de Lourdes Santos: meu rosário, minha guia**. Belo Horizonte, Editora Selo PPGCOM/UFMG, 2022.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira. **As lutas existem pela nossa terra**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

RAMOS, Cláudia Mirella; AZEVEDO, Aldemir Inácio. Tupinambá balanceia mas não cai: Identidade e espiritualidade na Serra do Padeiro/BA. **Revista Calundu**, v. 4, n. 2., p. 240-245, jul./dez. 2020.

REINALDIM, Ivair. Cânone(s), globalização e historiografia da arte. **ARS**, São Paulo, v. 19, n. 42, p. 221-260.

POLÍTICAS da terra: Encontros da universidade com os saberes e fazeres afro-indígenas.

Saberestradicionais.org, 27 mai. 2024. Disponível em:

<https://www.saberestradicionais.org/projetos/politicas-da-terra-encontros-da-universidade-com-os-saberes-e-fazeres-afro-indigenas/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Antonio Bispo. **Terra dá, terra quer**. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Pedrina de Lourdes. Eu tenho a África dentro de mim. Belo Horizonte: SELO PPGCOM/UFMG, 2022.

SOUSA, Rafaela Lopes de; CAVALCANTE, Leandro Vieira. Práxis epistêmica da pedagogia do território: contribuições decoloniais à geografia. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-20, 2021.

Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/15767/12177>. Acesso em: 20 jun. 2024.

TUGNY, Rosângela Pereira de. Trajetória biográfica. In: OLIVEIRA, Joelson Ferreira. **As lutas existem pela nossa terra**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022. P. 51-112.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, jul. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

XAKRIABÁ, Nei Leite. Ensinar sem ensinar. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 15, dez. 2021.

NOTAS

1 Referimo-nos aqui à nossa experiência como docente e discente da (in)disciplina *Outras filosofias da imagem* (2024), da qual se desdobrou a ideia da escrita deste texto.

2 Fato são as vísceras do boi.

3 Cabruca é uma tecnologia popular de cultivo do cacau cuja árvore necessita estar no meio da mata para viver e dar frutos. Os cabruqueiros faziam um espaço na mata fechada para plantar árvores de cacau.

4 Ver o texto *Começar de novo*, de Joelson Ferreira de Oliveira, no qual o autor avalia a inflexão feita no Assentamento Terra Vista em face das ocupações realizadas pelo MST no Sul da Bahia. O texto pode ser acessado por meio do link: <https://teiadospovos.org/comecar-de-novo/>.